

Entre Brasil e Portugal: o hibridismo cultural em Matilde Campilho

Carolina Dias Huguenin¹

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar de que maneira a escrita da portuguesa Matilde Campilho reflete uma linguagem híbrida culturalmente, além de trazer um foco para o processo de reconfiguração de identidade pelo qual a poeta passava ao se encontrar como uma expatriada quando começou a produzir sua literatura, na segunda década dos anos 2000, em terras brasileiras. O título do primeiro livro de Campilho, *Jóquei*, que terá alguns de seus poemas estudados aqui, já transmite a ideia de algo que está em movimento, um indivíduo em trânsito, que não se encontra em um único lugar. Este título reproduz a temática central da maioria dos poemas da obra, versos que demonstram a realidade do indivíduo que decide migrar, a assimilação de uma nova cultura e realidade social.

O “novo eu” expatriado

A condição de expatriado interfere na vida de um sujeito de várias formas distintas e, talvez, a mais impactante seja a mudança gerada na identidade de tal indivíduo. Sobre a transformação identitária decorrente do processo de expatriação, González e Oliveira (2011) afirmam:

Na revisão histórica da literatura percebe-se, no entanto, uma lacuna que só recentemente começou a ser preenchida: a análise das transformações que o processo de expatriação organizacional provoca na autoimagem do indivíduo, na sua identidade, e os efeitos que esse processo de desconstrução-reconstrução do eu teriam sobre a adaptação ao país de destino e posterior readaptação ao país de origem. Vale salientar que essa transformação profunda do eu vai além das simples mudanças de caráter ou comportamento, afetando os valores centrais do indivíduo e o seu autoconceito (GONZÁLEZ; OLIVEIRA, 2011, p. 1123).

Os autores declaram, então, que a mudança na individualidade ocorre de forma profunda, afetando os valores centrais do estrangeiro. Ainda sobre o assunto, é possível citar o modelo de identidade cultural (CIM) proposto por Sussman (2002), em que duas variáveis internas dos expatriados são responsáveis pelo tipo de mudança que a sua identidade irá experimentar: a primeira delas é a centralidade cultural (a importância que a identificação com a sua cultura de origem tem para o sujeito) e a segunda é a flexibilidade cultural (a capacidade do sujeito de adotar novos comportamentos e paradigmas mentais, flexibilizando assim a sua identidade cultural original). A partir do exposto, observa-se que Matilde Campilho apresenta grande flexibilidade cultural, tendo em vista a grande adoção de

¹ Mestranda em Literaturas Portuguesa e Africanas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (UFRJ) - Contato: carolinahuguenin@letras.ufrj.br

elementos culturais brasileiros presentes em sua escrita. No poema “Tenho planos para uma confissão”, a voz poética criada por Campilho fala um pouco sobre esse processo identitário:

Tenho planos para uma confissão

Foi em novembro de dois mil e tal
em Ipanema
Fazia frio e não devia
Chovia como era previsto
E algumas dessas coisas
nos confundiam
[...]
Eu ia esculpindo um novo genoma
Com mãos encharcadas de água de coco

Meu rosto não se transformava
mas a paisagem sim
[...]

Eu queria distinguir-me de mim mesmo
Como um urso que fareja as moedas
entre os cachos de erva
(CAMPILHO, 2015, p. 137)

De início, o leitor depara-se com a identificação do local de enunciação: Ipanema. O fato de a voz poética querer criar um novo gnoma, um novo pensamento, faz parecer que ela está criando uma nova personalidade, uma personalidade brasileira, devido às “mãos encharcadas de água de coco”. Esta mudança de personalidade era algo interno, não era visto externamente através de seu rosto, era por isso que ele não se transformava, mas a paisagem que o rodeava sim. Por fim, lê-se a concretização do desejo desse “novo eu”: “Eu queria distinguir-me de mim mesmo”, ou seja, ele queria ser diferente do que era antes, antes das mudanças e das novas experiências. Aqui, há uma divisão identitária típica do indivíduo que migra ou que está em exílio. Sobre o assunto, Isabel Pires de Lima diz o seguinte: “Matilde Campilho também testemunha esse movimento duplo do eu migrante no processo complexo de reconfiguração da identidade, que implica movimentos de rejeição e de reclamação identitária.” (LIMA, 2016. P. 121).

Um poema que aparenta mostrar uma espécie de “rejeição” identitária mencionado por Lima é “Eu já escuto teus sinais”. Segue um trecho para análise:

[...]
A vida já foi muito boa
e muito ruim comigo
com minhas costas
com meus rins
com meus estúpidos
glóbulos vermelhos
com minha melancolia
com minha nacionalidade.
[...]
(CAMPILHO, 2015, p. 128)

Inicialmente, o eu lírico fala sobre a vida ter sido muito boa para ele, mas, em seguida, já afirma que ela também foi muito ruim de forma geral e, também, com as atribuições de características físicas, subjetivas e identitárias, entre elas a nacionalidade. A nacionalidade aqui não é um motivo de orgulho, mas sim uma característica indesejada.

Em “Tiger Balm”, há um movimento contrário ao visto no poema anterior, há uma valorização da nacionalidade, como fica nítido no excerto: “Descobri que meu pai nem sempre teve razão sobre as pessoas, mas que a terra onde meu pai me educou talvez sim.” (CAMPILHO, 2015, p. 47). Neste fragmento, o sentimento de nacionalidade é maior do que a admiração pelo pai, pois a figura paterna é vista como errante, enquanto sua terra de criação apresenta uma visão certa, que deve ser seguida. Com isso, fica claro como o ser migrante apresenta uma espécie de dualidade que o faz até pôr em xeque sua nacionalidade, rejeitando-a ou orgulhando-se dela. É um movimento de indecisão.

É possível afirmar, por fim, que o processo identitário por que passa Matilde Campilho pode ser visto como uma forma de libertação. Foi ela quem escolheu viver em um outro país, além de ter uma voz poética que declara o desejo de “distinguir-se dela própria”. Nesse processo, a dualidade e a formação de uma nova personalidade são inevitáveis, assim como a saudade e o sofrimento pelo abandono do antigo eu.

A linguagem

É na linguagem que fica mais explícito o processo identitário pelo qual Matilde Campilho passava quando estava na condição de expatriada. Segundo Maalouf (2005): “A língua e as tradições possibilitam a comunicação. Cada pessoa vive sua vida em determinada língua, suas experiências em função disso, são vividas, absorvidas e lembradas nessa língua.” (MAALOUF, 2005, p. 169). O conforto de viver em um país com o mesmo idioma, com certeza, gera muitas facilidades se comparado com expatriados que se mudam para países com idiomas oficiais distintos dos seus de origem. No entanto, há grandes diferenças entre o português falado na Europa e o falado no país sul-americano, o que provocaria uma espécie de escolha entre a utilização das variantes. O uso da variante de Portugal na escrita é o mais “natural” para a escritora, pois foi em tal variante que viveu suas experiências, foi alfabetizada, e é nela que é feita a comunicação com os seus, de acordo com o que disse Maalouf. Contudo, a atitude de acrescentar o português brasileiro e utilizar as duas variantes de forma simultânea afirma o status de “bicultural” da poeta.

A partir de uma observação e análise de seus poemas, constatou-se quatro características mais expressivas deste processo. A primeira delas é o uso dos pronomes “tu” e

“você”. A segunda característica é o uso de sinônimos de forma geral, uns mais específicos da variedade europeia e outros da brasileira. Outra questão é a conjugação verbal encontrada nos poemas, variando entre o infinitivo e o gerúndio. Enfim, nota-se o uso de palavras restritas da cultura lusa e outras restritas do Brasil. A caráter de exemplificação, serão analisados alguns versos em seguida.

No poema “Panteão Nacional”, há uma grande insistência no uso de “tu”, assim como de outros termos característicos da variante linguística europeia:

Mercúrio, meu **cabrão**
Tu que alinhaste a melena
de ouro em jeito de aviso
à queda, que penteaste teu
cabelinho todo para trás
antecipando o encontro:
[...]
Tu que puxastes o lustro
às sandálias e as asas
das tuas sandálias, que
ajeitaste o paletó de herói
e te levaste os pés: **tu** já
sabias no que isso dava.
Meu grande sacana, tua
obrigação era subir na boca
de um megafone dourado
e dizer: “Cuidado rapaziada,
tenham atenção a esse nó
que acontece no estômago
no preciso momento em que
esperam por **vosso amante**
na pracinha junto à igreja.
Ou é úlcera ou é amor.
(CAMPILHO, 2015, p. 24)

No texto citado, há majoritariamente o uso de “tu”, o pronome você não aparece em nenhum momento. Ademais, há a utilização do pronome possessivo “vosso”, marca da variante europeia. Além destes pronomes, chamam a atenção os vocábulos “cabrão” e “amante”, tendo em vista que o primeiro é exclusivo de Portugal e o segundo, aparentemente, é usado no sentido de “aquele que se ama”, “por quem está apaixonado”. No português brasileiro, este termo geralmente caracteriza o indivíduo que se relaciona com outro comprometido.

Já no poema “Roma amor”, o pronome escolhido é “você”:

Seu cabelo está vermelho
você falou
seu cabelo está todo iluminado
de vermelho & luz
[...]
Você lembra da canção?
I never wanna be
Your weekend lover

suas mãos desenhando a dança
no oxigênio daquele julho
e o pó se levantando
desde seus calcanhares
até a nuca de fogo
Você fazendo pouco
de tudo que antes havia
sido chamado de baile
Purple Rain
seu cabelo está todo iluminado
de vermelho & luz
Você se lembra daquele julho?
uau **você** falou
sua pele cresce no vaso
da melanina
cada ano mais
[...]
(CAMPILHO, 2015, p.60)

Tais versos demonstram não uma mistura entre as duas formas do português, mas sim uma mescla de português e inglês, entre os versos autorais de Campilho aparecem versos da música “Purple Rain”, de Prince. Nesse poema, o pronome “tu” não aparece em nenhum momento, apenas “você”, que é utilizado repetidamente. Com isso, chega-se à conclusão de que a escritora, geralmente, elege um dos dois pronomes para utilizar em cada poema e repete esse uso do início ao fim.

Em “Descrição da cidade de Lisboa”, há o uso de sinônimos específicos de cada região de forma simultânea:

A **rapariga a pensar** naquilo, a **rapariga** ao sol, **menina a comer** cachorro-quente, **menina a dançar** na rua, **rapariga** do dedo no olho, do dedo na árvore. **Rapariga** de braços levantados, **rapariga** de pés baixos, **rapariga** a roer unhas, **rapariga a ler** jornal, **rapariga** a beber um líquido chardonnay, **rapariga** no vão de escada, **rapariga a levar** na cara. [...]
(CAMPILHO, 2015, p. 55)

O poema escrito em prosa evidencia o uso dos sinônimos “rapariga” e “menina”, sendo o primeiro utilizado em Portugal e o segundo mais recorrente no Brasil, tendo em vista que seu uso no país de Camões apresenta um certo julgamento de valor. É como se o eu lírico aqui observasse os acontecimentos da cidade de Lisboa que ocorriam ao mesmo tempo com diversas mulheres/meninas. Durante todo o texto, a versão mais utilizada é “rapariga”, “menina” é aplicado apenas nas duas vezes citadas no excerto anterior. Isso dá a ideia de um possível “erro”, porque, como um dos sinônimos é extremamente privilegiado, não faria sentido usar o outro apenas duas vezes. É como se a poeta já estivesse tão acostumada com a variante “menina”, usada de forma comum no Brasil, que nem percebeu a troca. Mas, caindo em consciência, volta a utilizar “rapariga”, o que faz até o fim de seu texto. Outro fator que

demonstra que nesse poema a autora parece privilegiar o português europeu é o uso dos verbos no infinitivo: “a pensar”, “a comer”, “a dançar”, “a ler”, “a levar”.

Curiosamente, no poema anterior a esse, “Alguém me avisou”, a forma de conjugar os verbos escolhida é o gerúndio, forma tipicamente brasileira:

[...]
Ele falou que eu deveria voltar
que no restaurante de dona Célia
estavam servindo um tipo de pão
diferente do habitual
que no parque das diversões
estavam montando um novo esquema
que na cova dos leões já não mora
ninguém, absolutamente ninguém
que **estão começando** uma revolução
[...]
(CAMPILHO, 2015, p. 54)

Percebe-se que ela usa muitas expressões tipicamente portuguesas, como o já citado “cabrão”, “bandeirola” “Não fala do rolex/nem da bandeirola...” (CAMPILHO, 2015, p.12), “dar cabo” “foi dar cabo/ de seu nome” (CAMPILHO, 2015, p. 45), “Chávena” “sua chávena de chá ficando fria sobre a mesa” (CAMPILHO, 2015, p. 57). Mas também faz uso de termos brasileiros, estes com um pouco menos de frequência, como o caso de nomes de frutas típicas “Aprendi a contar pelas manchas múltiplas de uma **papaia** e acentuei a palavra **açaí** muitas vezes.” (CAMPILHO, 2015, p. 48), entre outros.

Portanto, a partir das análises anteriores, nota-se uma voz poética que parece estar tentando encontrar-se entre as duas variantes do português. Ao escolher um poema de Campilho de forma aleatória para ler, sem nenhum conhecimento prévio, o leitor pode deparar-se tanto com palavras da variante europeia quanto da brasileira. O fato de não privilegiar nenhuma das duas linguagens evidencia um indivíduo que, aparentemente, acolheu as duas culturas de forma equilibrada. Prontamente, será investigado as imagens culturais que a escritora faz uso

As imagens culturais

As alusões culturais feitas na escrita de Campilho parecem aparecer de forma diferente do processo de escolha vocabular. O poema "Dia de São Tomé" é um exemplo:

[...]
Você levou meu samba
e meu mensageiro
Você deixou os sapatos
a sombra desalojada
e um dialeto muito novo
que devo utilizar agora
para não dizer teu nome

entre rajadas de revolução
e goles de cerveja junina
Um dialeto umas vezes digno
e outras vezes não
que entrego agora
ao bico do pelicano eterno:

Vai pássaro, leva meu grão
até as escadinhas do santo
que hoje celebra seu nome
entre os doze favoritos.
(CAMPILHO, 2015, p. 67)

Aparentemente, os versos anteriores foram escritos no dia de São Tomé, 3 de julho, uma data comemorativa não muito festejada no Brasil. O interessante aqui é o fato de o interlocutor da voz poética apresentar o mesmo nome do santo. A menção a São Tomé é, claramente, uma alusão à cultura portuguesa. No entanto, a escrita da portuguesa não se limita a abordar apenas esta cultura, traz também a brasileira ao falar de samba “você levou meu samba” e de festa junina “e goles de cerveja junina”, sendo a última comemoração contemporânea ao dia do santo mencionado. Além disso, os dois primeiros versos citados podem ser lidos como uma releitura da música “Leva meu samba”, de Ataulfo Alves, cujo início é: “Leva meu samba/ Meu mensageiro/ Esse recado/ Para o meu amor primeiro”. A escolha de referenciar um compositor brasileiro expande as brasilidades, aumentando o caráter híbrido.

Este poema, de um jeito curioso, acaba tratando sobre a questão do uso do dialeto também. A voz poética diz que seu interlocutor deixou seu dialeto, como uma espécie de herança, e que era esse dialeto que ela deve utilizar agora. Tendo em vista as questões culturais já expressas e a utilização das duas variantes portuguesas em todo o livro, pode-se sugerir que a variante “herdada” é o português brasileiro, que não deveria ser usada para dirigir-se ao seu possível amado, por, muitas vezes, não ser considerado digno pelo eu lírico. Aqui, parece que só o uso de sua variante materna dá conta de demonstrar, de fato, o que esse indivíduo sente, é a variedade que melhor o faz entender em todas as formas.

Outro texto que deve ser mencionado por apresentar referências à cultura portuguesa e a brasileira é “Vendaval”. Mais uma vez, nota-se que as menções às duas culturas aparecem no mesmo texto sem nenhum tipo de “problema” ou limitação:

Vendaval
O rapaz prodígio venceu
o prêmio de ouro
É Portugal brilhando
na grama internacional
e brilhando tão pouco
em meu olho preto

[...]
Aquele que sempre vai
e que sempre vem
feito o trem de Minas
Quase ninguém viu Maria
Fumaça
mas todo mundo sabe que existe
[...]
É pois é
deu nas notícias
o rapaz de ouro venceu
o prêmio de ouro
Oito dias depois da morte
do outro futebolista português
[...]
(CAMPILHO, 2015, p. 111)

Logo no começo, é possível observar a menção à sociedade lusa: a vitória de um prêmio importante por um português, o que gera orgulho para a nação. Após isso, encontra-se a referência a um elemento conhecido no país verde e amarelo, o meio de transporte que já foi muito famoso em Minas: a “Maria Fumaça”. Já no final, fala-se sobre a morte de um futebolista português, ou seja, as alusões de culturas diferentes apresentam-se de maneira intercalada. Não aparenta haver um juízo de valor entre os citados, no entanto, Portugal conta com mais menções, o que lhe dá uma espécie de vantagem. Isso se justifica pois o foco dos versos é, de fato, Portugal e como ele faz o olho do sujeito lírico brilhar tão pouco no momento, já que o que estava gerando este brilho no olhar era o caso de amor vivido por ele.

Por fim, cabe citar ainda “Fevereiro”, um texto em prosa poética publicado inicialmente no canal do *YouTube* da autora, quando ela ainda morava no Brasil. O texto gira em torno do Carnaval no Rio de Janeiro, mas acaba citando personalidades famosas da cultura portuguesa:

[...]
Sim, o mundo está absurdamente esquisito. Já ninguém confia nas imposições dos prefeitos. A esta hora na Terra é um tanto Carnaval, um tanto conspiração, um tanto medo. Metade fé, metade folia, metade desespero.
[...]
De que lado você está eu não me importo. [...] quantos amores você sonha, em que Fernando, em que Ofélia, em que cinema, em que bandeira, em que cabelo você mora, qual dos túneis de Copacabana. [...]
(CAMPILHO, 2014, s.p.)

A referência ao Carnaval vem desde o título “Fevereiro” (por tratar-se do mês em que a festa acontece) até a palavra “folia” e a nomeação direta “Carnaval”. Posteriormente, aparecem os nomes “Fernando” e “Ofélia” seguidos um do outro. Como são nomes comuns e estão escritos sem seus respectivos sobrenomes, podiam intitular quaisquer pessoas. Contudo, por estarem logo depois de “quantos amores você sonha” e serem escritos de forma seguida, sugere-se que se trate de Fernando Pessoa, um dos maiores escritores portugueses, e Ofélia

Queiroz, sua namorada. Os dois teriam um relacionamento amoroso que poderia rondar o imaginário de algumas pessoas. Durante o texto, esta é a única menção a algo da cultura lusa. Depois disso, encontra-se outra referência ao universo carioca: os túneis de Copacabana.

Da mesma forma que “Vendaval”, “Fevereiro” apresenta suas alusões de forma intercalada, só que aqui são feitas mais menções a elementos da cultura brasileira, já que o foco do poema é o Carnaval, uma festa típica do Brasil. Com isso, fica claro que a escolha de imagens culturais está completamente relacionada com o tema central dos poemas. Não há problema em misturar imagens com nacionalidades diferentes. Porém, geralmente, as referências priorizadas são as da cultura base escolhida para o assunto do texto.

Conclusão

Enfim, conclui-se que a linguagem híbrida em termos culturais, assim como a produção de imagens poéticas com referências às duas culturas são uma espécie de consequência do processo de reconfiguração de identidade pelo qual a escritora passava no momento da produção dos poemas. É a condição de expatriada e a estadia longa dentro de um novo país e uma nova cultura que formam uma terra fértil para a autora ousar na escrita com a junção de elementos identitários do Brasil e de Portugal, o que torna sua obra criativa e singular em termos poéticos.

REFERÊNCIAS

CAMPILHO, Matilde. *Jóquei*. São Paulo: Editora 34, 2015.

GONZÁLEZ, J; AÑEZ, M; ALEXANDRE, M ET ALII. Perspectivas Teóricas sobre a Adaptação do Expatriado: uma Abordagem Multidimensional. **XXXV Encontro da ANPAD**, 09/2011, p.01-17.

GONZÁLEZ, J; OLIVEIRA, J. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. **Cadernos EBAPE.BR**, nº4, artigo 10, 10/2011, p.1122-1235.

LIMA, Isabel Pires de. Vaivéns literários hoje: Brasil/ Portugal. **Cadernos de Literatura Comparada**, nº 34 – 06/2016, p.111-126.

LOURENÇO, Eduardo. A nau de Ícaro ou o fim da emigração. In: *A nau de Ícaro seguida de imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 44-54.

MAALOUF, Jorge Fouad. **O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no self**. 2005. Doutorado em psicologia clínica. Pontifícia Universidade de São Paulo.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Tradução de Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.